

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Filosofia – Licenciatura**

MANILDE SPINDOLA FRANCO

O suicídio na visão de Sócrates no *Fédon*

**Campo Grande – MS
2025**

MANILDE SPINDOLA FRANCO

O suicídio na visão de Sócrates no *Fédon*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Andre Koutchin de Almeida

Campo Grande – MS
2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andre Koutchin de Almeida (Orientador)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Ronaldo Amaral

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Danilo Camara Caretta

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus. Sem Ele, eu não teria a capacidade de desenvolver este trabalho. E à minha mãe falecida, Matilde de Jesus Franco, a quem me deu a base para me tornar a pessoa que sou hoje na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me abençoado até aqui. Com muita honra, agradeço a todos os professores do meu curso que dedicaram seus conhecimentos, habilidades e sua perseverança. Sou muito grata ao professor Andre Koutchin de Almeida por ter aceitado ser meu orientador. Do fundo do meu coração, muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a concepção do suicídio a partir da filosofia socrática presente no diálogo *Fédon*, de Platão. Neste diálogo, Sócrates, em seus últimos momentos de vida no ano de 399 a.C., apresenta reflexões profundas sobre a imortalidade da alma, o papel da filosofia na preparação para a morte e os motivos pelos quais o suicídio não é aceitável do ponto de vista ético e metafísico. Algumas obras contemporâneas são utilizadas como referências complementares, oferecendo abordagens pontuais acerca de alguns conceitos importantes para a discussão sobre a jornada da alma e do autoconhecimento. Por meio da análise desses textos, busca-se uma compreensão mais aprofundada da relação entre vida, morte e filosofia, bem como sobre a atualidade das ideias socráticas no *Fédon* frente aos dilemas contemporâneos.

Palavras-chave: Sócrates; *Fédon*; Suicídio; Alma; Filosofia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 A filosofia de Platão.....	10
2.2 O <i>Fedón</i>: contexto e estrutura.....	12
2.3 A imortalidade da alma.....	14
2.4 A visão de Socrátes sobre o suicídio.....	15
2.5 A preparação filosófica para a morte	19
2.6 O argumento da prisão (<i>phrourá</i>) e a proibição do suicídio.....	21
2.7 A filosofia como ascese e purificação (<i>kátharsis</i>).....	22
2.8 O papel da alma na moralidade	23
2.9 A natureza da alma na filosofia de Platão.....	24
3 O <i>FÉDON</i> E SUA ATUALIDADE.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A morte e o suicídio são temas que atravessam a história da humanidade. Desde os tempos antigos, pensadores e filósofos buscaram compreender o sentido da vida e os limites da existência. A filosofia socrática, registrada por Platão, proporciona uma reflexão profunda sobre esses dilemas humanos. Dentre os vários diálogos de Platão, o *Fédon* ocupa um lugar de destaque ao narrar os últimos momentos de vida de Sócrates, no ano de 399 a. C., preso e condenado à morte, abordando temas como a imortalidade da alma, a natureza da vida e a aceitação da morte, diante de seus seguidores mais próximos.

A singularidade do *Fédon* está em apresentar um Sócrates sereno, que, mesmo diante da morte, não apenas não demonstra temor, como também recusa a ideia de tirar a própria vida antes do tempo determinado pelas autoridades. Essa postura levanta uma questão ética e filosófica de extrema relevância: por que o filósofo, que afirma que a morte é uma libertação da alma, não aceita o suicídio como solução legítima?

O suicídio é um tema que atravessa a história da humanidade, desafiando as estruturas morais, religiosas, filosóficas e políticas de diferentes culturas e épocas. Longe de se tratar de um fenômeno simples, envolve uma complexidade de fatores existenciais que provocam inquietações profundas no campo da ética e da razão. Dentro da tradição filosófica ocidental, poucas figuras tiveram tanta influência na formação desse debate quanto Sócrates, especialmente no contexto apresentado no diálogo *Fédon*, de Platão. Neste texto, o filósofo, prestes a beber o veneno que encerrará sua vida, reflete com seus seguidores sobre a alma, a morte e o sentido da existência.

A atitude serena de Sócrates diante da morte é um dos aspectos mais marcantes de sua trajetória filosófica. Ele não apenas aceita seu destino com tranquilidade, mas o encara como uma oportunidade para reafirmar os princípios que sustentam sua filosofia. No entanto, mesmo estando próximo da morte, Sócrates se opõe ao suicídio. Essa aparente contradição nos leva a investigar com maior profundidade o porquê dessa posição, considerando que, ao final, ele morre por vontade do tribunal, mas sem oferecer resistência. Por que então o suicídio é reprovável aos olhos de Sócrates, mesmo diante do sofrimento e da injustiça?

A resposta para essa questão encontra-se em sua concepção da alma e da finalidade da existência. Para Sócrates, a alma é imortal e a vida no corpo é apenas uma passagem, uma etapa de aprendizado e purificação. A morte só deve ser acolhida quando permitida pelos deuses, pois somos, segundo sua visão, guardiões de algo que não nos pertence

integralmente. O suicídio, nesse sentido, representa uma violação da ordem natural e divina, interrompendo prematuramente o caminho que a alma deve percorrer em busca da verdade e da elevação. Além disso, o suicídio compromete a função essencial da filosofia, que é preparar o indivíduo para a morte por meio do desapego do corpo e da elevação da razão. Sócrates defende que a verdadeira vida filosófica consiste em exercitar a alma para que ela se liberte das ilusões materiais, e isso exige tempo, disciplina e entrega ao logos. O filósofo não teme a morte, mas sim a morte sem sentido, aquela que não contribui para o aperfeiçoamento da alma. Por isso, o suicídio aparece em sua visão como uma ruptura desordenada, contrária à busca do bem maior.

Este trabalho propõe uma leitura descritiva da visão socrática sobre o suicídio com base na análise do diálogo *Fédon*, tendo algumas obras contemporâneas como referências complementares. Busca-se compreender não apenas o pensamento do filósofo, mas também suas implicações contemporâneas, considerando o contexto atual de sofrimento psíquico, perda de sentido e desafios éticos em torno da vida e da morte. Ao trazer à tona a posição de Sócrates, pretendemos refletir sobre a atualidade de seu pensamento e sobre como ele ainda pode inspirar a valorização da existência, o autoconhecimento e o enfrentamento da dor com dignidade.

Além disso, esta pesquisa visa refletir sobre como essas ideias dialogam com questões contemporâneas relacionadas ao suicídio. A filosofia socrática propõe um olhar integral sobre a existência humana, o que pode contribuir significativamente para a construção de discursos mais éticos, humanizados e conscientes sobre o viver e o morrer.

O estudo está estruturado em quatro partes principais. Após esta introdução, segue-se o referencial teórico que discute alguns conceitos fundamentais da filosofia de Platão, o contexto e os principais argumentos sobre a alma e o suicídio no *Fédon*, e a contribuição de alguns autores contemporâneos acerca de certos conceitos importantes para a discussão sobre a jornada da alma e do autoconhecimento no *Fédon* e em Platão. A seguir, apresenta-se uma breve discussão entre os conceitos socráticos e o pensamento atual sobre suicídio. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a problemática abordada. Ao longo do trabalho, pretende-se demonstrar que a filosofia, longe de ser uma abstração teórica, pode oferecer respostas profundas e concretas aos problemas mais urgentes da condição humana, como o suicídio.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A filosofia de Platão

A filosofia de Platão constitui uma das bases mais sólidas do pensamento ocidental. Amigo de Sócrates, Platão dedicou sua obra à investigação da verdade, da justiça, da alma e do conhecimento. Sua teoria das ideias, ou teoria das formas, é central em sua filosofia e influencia toda sua concepção de realidade, ética e política.

Segundo Platão, o mundo sensível, que percebemos com os sentidos, é apenas uma cópia imperfeita do mundo das ideias, que é eterno, imutável e acessível apenas pela razão. Essa distinção entre o mundo visível e o mundo inteligível tem implicações diretas na concepção de alma, corpo e existência humana. Para Platão, a alma humana é imortal e preexiste ao corpo. Ela pertence ao mundo das ideias e, ao encarnar, passa a habitar o corpo, o qual é considerado uma prisão temporária. A vida filosófica, portanto, deve ser dedicada à libertação da alma por meio do conhecimento e da prática da virtude. Essa perspectiva orienta os diálogos platônicos, especialmente o *Fédon*, onde essa relação é tratada com profundidade.

Platão também concebia a filosofia como uma preparação para a morte. Como a alma é imortal e superior ao corpo, a verdadeira existência só pode ser vivida plenamente após a separação do corpo. Assim, o filósofo, que busca a verdade, não teme a morte; ao contrário, prepara-se para ela como o momento da libertação final.

A influência pitagórica é notável nessa concepção de alma e mundo. Platão adota elementos da doutrina da reencarnação e da purificação da alma, o que fundamenta ainda mais seu pensamento ético e metafísico. O suicídio, nesse contexto, torna-se uma violação da ordem cósmica e um impedimento para o pleno desenvolvimento da alma.

No *Fédon*, essas ideias são apresentadas de maneira sistemática, colocando Sócrates como o modelo de filósofo que vive de acordo com esses princípios, aceitando a morte com serenidade e recusando-se a tirar a própria vida antes do tempo designado pelos deuses.

Platão, discípulo direto de Sócrates, é considerado um dos pilares fundamentais da filosofia ocidental. Sua filosofia está baseada na distinção entre o mundo sensível — aquele que percebemos com os sentidos — e o mundo inteligível — o mundo das ideias, imutável e eterno. Para Platão, o conhecimento verdadeiro só é possível por meio da razão, que permite à alma ascender às ideias puras, dentre as quais se destaca a ideia do Bem. A teoria das ideias

de Platão estabelece que tudo o que existe no mundo físico é uma cópia imperfeita de uma ideia perfeita e eterna. Assim, a alma humana, ao nascer, esquece essas ideias, e o papel da filosofia é ajudá-la a rememorar (anamnese) tais verdades. Essa concepção é central para a compreensão da vida e da morte no pensamento platônico, pois implica que a alma já teve contato com o mundo das ideias e, portanto, é imortal.

Além disso, Platão acreditava que o verdadeiro filósofo não teme a morte, pois ela representa a libertação da alma do corpo, que é visto como uma prisão. Essa libertação é desejável na medida em que permite à alma se reunir com o mundo inteligível. Contudo, essa libertação deve ocorrer no tempo certo, ou seja, segundo os desígnios divinos. Daí decorre a crítica ao suicídio: apressar esse retorno seria romper com a ordem estabelecida pelos deuses. O suicídio, enquanto fenômeno humano, tem sido abordado de diferentes maneiras ao longo da história da filosofia. Desde os primeiros pensadores da Antiguidade até as reflexões contemporâneas, essa temática suscita complexos debates éticos, existenciais e religiosos.

No contexto da filosofia grega, a obra *Fédon*, de Platão, ocupa um lugar de destaque por apresentar o último diálogo de Sócrates antes de sua morte, no ano de 399 a. C., em que ele discorre sobre a alma, a imortalidade e, de maneira notável, sobre o ato de tirar a própria vida. Sócrates, mesmo diante da condenação à morte, recusa-se a fugir da pena imposta e explica por que considera o suicídio um ato inadmissível — salvo em casos excepcionais determinados pelos deuses.

No diálogo, Sócrates argumenta que o ser humano é uma espécie de posse dos deuses e, portanto, não tem o direito de tirar sua própria vida sem permissão divina. Essa perspectiva carrega implicações profundas, pois articula uma visão teológica da existência em que o destino humano está submetido à vontade de forças superiores. Contudo, ao mesmo tempo em que condena o suicídio em termos absolutos, Sócrates está prestes a ingerir cicuta — uma ação que poderia ser interpretada, paradoxalmente, como um tipo de suicídio ritual. Essa tensão filosófica torna o *Fédon* um texto-chave para refletir sobre a ética da morte voluntária, a autonomia do sujeito e os limites do livre-arbítrio.

A análise do suicídio no *Fédon* nos obriga a considerar a relação entre o corpo e a alma, a natureza do sofrimento terreno, e a concepção socrática de que a verdadeira vida é aquela voltada para a purificação da alma. A morte, nesse sentido, não representa um fim, mas um meio para alcançar a sabedoria e a libertação do ciclo das reencarnações. Sócrates, ao aceitar a morte com serenidade, diferencia-se do suicida comum, pois sua ação é uma

obediência à lei e à razão, não um ato de desespero.

Ao explorar essas questões, este trabalho visa examinar como Sócrates, através do discurso platônico, articula uma crítica ao suicídio baseada em princípios religiosos, morais e metafísicos. A partir da leitura atenta do *Fédon* e de outros diálogos platônicos, pretende-se compreender a visão do filósofo sobre o valor da vida, o papel da filosofia diante da morte e a legitimidade (ou não) do ato suicida.

A filosofia de Platão também aborda a ética como uma prática essencialmente voltada ao aperfeiçoamento da alma. Viver de forma justa e virtuosa é o que permite à alma atingir um estado mais elevado. A busca pela verdade e pela sabedoria torna-se, assim, uma preparação contínua para a morte - um treinamento da alma para retornar ao mundo das ideias. Por esse motivo, o conhecimento, a temperança, a coragem e a justiça são virtudes fundamentais no pensamento platônico.

Com base nesses princípios, a filosofia de Platão serve de fundamento para a posição de Sócrates no *Fédon*. A rejeição ao suicídio, a valorização da vida filosófica e a crença na imortalidade da alma não são apenas elementos do diálogo, mas expressões da própria metafísica platônica. Portanto, compreender a filosofia de Platão é essencial para compreender a serenidade com que Sócrates enfrenta a morte e a profundidade de seus ensinamentos finais.

2.2 O *Fédon*: contexto e estrutura

O *Fédon* é um dos diálogos mais importantes de Platão e um dos principais registros da filosofia de Sócrates. Sua estrutura é marcada pelo relato dos últimos momentos de vida do filósofo, antes de ingerir a cicuta, em cumprimento à sua sentença de morte. O diálogo ocorre na prisão, no ano de 399 a.C., tendo como principais interlocutores os discípulos de Sócrates, entre eles, Fédon de Elida, que também é o narrador do episódio. A obra está dividida em três grandes momentos: a introdução e o cenário da prisão; os diálogos filosóficos sobre a alma e a morte; e o momento final da morte de Sócrates. Ao longo do texto, Platão insere diversos argumentos que visam demonstrar a imortalidade da alma, bem como sua superioridade em relação ao corpo.

O contexto histórico do diálogo remete à condenação de Sócrates por corromper a juventude ateniense e introduzir novos deuses. Sua serenidade diante da morte surpreende os discípulos e leitores, pois mostra um homem completamente coerente com sua filosofia. Para Sócrates, a verdadeira vida do filósofo é uma preparação constante para a morte.

A estrutura do diálogo é marcada pela maiêutica socrática, método que consiste em conduzir o interlocutor à descoberta da verdade por meio de perguntas e respostas. Sócrates evita impor suas ideias, preferindo que o conhecimento emerja naturalmente da razão compartilhada. Esse método se evidencia nas discussões sobre a origem e o destino da alma, nas quais Sócrates utiliza analogias, metáforas e raciocínios lógicos.

Um dos elementos mais impactantes da obra é o tom de tranquilidade e até alegria com que Sócrates encara a morte. Ao invés de lamentar, ele oferece consolo aos seus amigos, reforçando a ideia de que o filósofo deve buscar a verdade acima da vida terrena. Sua morte, assim, torna-se símbolo da fidelidade à razão e à justiça.

Além disso, o *Fédon* representa uma síntese do pensamento platônico sobre a alma. Nele, encontram-se quatro argumentos centrais sobre sua imortalidade: o argumento dos opostos, o da reminiscência, o da afinidade e o da simplicidade. Cada um desses será analisado em detalhe nas seções seguintes.

A análise do *Fédon* permite compreender não apenas o pensamento de Sócrates, mas também o início da tradição filosófica que considera a vida como um caminho em direção ao conhecimento verdadeiro, e a morte, não como fim, mas como transição. Essa perspectiva será essencial para compreendermos a posição socrática contrária ao suicídio.

O *Fédon* é um dos diálogos mais significativos de Platão e representa uma das fontes primárias para a compreensão do pensamento de Sócrates sobre a alma, a morte e o destino último do ser humano. A obra é ambientada nas últimas horas de vida de Sócrates, antes de ele tomar a cicuta, conforme sua sentença de morte determinada por um tribunal ateniense. É nesse cenário dramático que o filósofo, acompanhado por seus discípulos, discorre serenamente sobre a existência da alma e sua imortalidade.

O contexto do diálogo é de profunda relevância filosófica e emocional. Sócrates encontra-se na prisão, prestes a morrer, mas demonstra uma tranquilidade exemplar, argumentando que a morte nada mais é do que a libertação da alma do corpo. Esse momento é descrito por seus discípulos — especialmente por Fédon, que narra os acontecimentos a Equécrates, personagem ao qual o diálogo é endereçado. A escolha do cenário e do estilo narrativo em forma de testemunho confere ao texto uma dimensão de memória e homenagem à figura do mestre.

Uma das questões centrais discutidas é justamente a razão pela qual o suicídio é condenado por Sócrates. Mesmo diante da morte iminente, ele insiste que o ser humano não tem o direito de tirar a própria vida, pois pertencemos aos deuses e somos apenas guardiões temporários da alma. Essa posição reforça a ética do cuidado e da responsabilidade

espiritual sobre a existência.

Além de sua riqueza argumentativa, o *Fédon* é também uma obra literária de grande sensibilidade, que articula emoção e razão com equilíbrio. A morte de Sócrates, ao final, é descrita com grande dignidade, consolidando a imagem do filósofo como alguém que viveu e morreu conforme seus princípios.

A obra se torna, assim, não apenas uma defesa da imortalidade da alma, mas também um testemunho da coragem e da coerência filosófica de Sócrates. Ao compreender a estrutura e o contexto do *Fédon*, torna-se possível mergulhar com mais profundidade na crítica socrática ao suicídio e em sua concepção da alma como ente divino e imortal. É neste diálogo que se manifesta de forma mais clara a noção de que a vida deve ser vivida como preparação para a morte, sendo a filosofia o caminho por excelência para alcançar essa sabedoria.

2.3 A imortalidade da alma

A defesa da imortalidade da alma constitui o cerne do diálogo *Fédon*. Para Sócrates, a alma não apenas sobrevive à morte do corpo, como também tem uma existência anterior à encarnação. A partir dessa premissa, Platão desenvolve quatro argumentos principais que sustentam essa tese, os quais serão explorados a seguir.

O primeiro é o argumento dos opostos. Sócrates observa que tudo que existe surge do seu oposto: o quente do frio, o forte do fraco, o acordado do adormecido. Assim, a vida vem da morte e, por analogia, a alma deve existir antes e depois da vida corporal. Essa visão cíclica dos processos naturais indica a continuidade da alma em sua transição entre os estados.

O segundo argumento é o da reminiscência. Sócrates afirma que aprender é, na verdade, recordar. Isso implica que a alma já possuía conhecimento antes do nascimento. A lembrança de verdades universais – como a igualdade, a beleza, a justiça – revela que essas ideias foram conhecidas em uma existência anterior, ou seja, quando a alma não estava unida ao corpo.

O terceiro argumento é o da afinidade. Nesse raciocínio, Sócrates distingue entre aquilo que é visível, mutável e mortal (o corpo) e o que é invisível, imutável e imortal (a alma). A alma se assemelha mais ao mundo inteligível do que ao mundo sensível, o que sugere sua afinidade com o eterno e, portanto, sua imortalidade.

Por fim, o quarto argumento é o da simplicidade. Sócrates afirma que a alma é uma

substância simples, sem partes, e, portanto, não pode se decompor ou perecer como os corpos compostos. O que é simples e indivisível não pode se dissolver, sendo, por natureza, imortal. Esses quatro argumentos não se pretendem provas absolutas, mas constituem fortes razões filosóficas para crer na imortalidade da alma. Sócrates, embora aberto ao questionamento, demonstra confiança e serenidade ao defendê-los, o que reforça a ideia de que sua postura diante da morte não é apenas lógica, mas também existencial.

A concepção de alma imortal em Platão fundamenta toda sua ética. Se a alma sobrevive à morte, ela é responsável por suas ações e, portanto, deve buscar a virtude, o conhecimento e a purificação. Isso estabelece uma dimensão moral e espiritual à existência, na qual o suicídio aparece como uma negação do papel da alma no mundo.

Nos próximos capítulos, será aprofundada essa relação entre alma, morte e responsabilidade moral, elementos essenciais para compreender a recusa socrática do suicídio e sua visão da morte como libertação espiritual. A imortalidade da alma é um dos pilares fundamentais do pensamento de Sócrates tal como apresentado no *Fédon*. Para o filósofo, a alma humana não se extingue com a morte do corpo, mas continua a existir, conservando sua identidade e suas experiências. A argumentação socrática é construída com base em diversos raciocínios filosóficos que têm como objetivo mostrar a natureza eterna da alma e justificar por que ela deve ser cultivada e preparada durante a vida terrena.

Os argumentos apresentados no *Fédon* não têm apenas uma função metafísica, mas também ética. A crença na imortalidade da alma fundamenta uma ética voltada para o aperfeiçoamento espiritual. A filosofia, nesse contexto, é um exercício de purificação, um meio de preparar a alma para sua libertação final. Assim, a recusa ao suicídio faz parte de uma visão maior, na qual a existência tem um propósito pedagógico e transcendental.

A doutrina da imortalidade da alma, portanto, constitui o centro do discurso socrático no *Fédon*, fornecendo uma base sólida para sua serenidade diante da morte e sua rejeição ao suicídio como fuga indesejada do corpo. A alma deve cumprir sua missão no tempo determinado pelos deuses, e não conforme os desejos humanos.

2.4 A visão de Sócrates sobre o suicídio no *Fédon*

A posição de Sócrates diante do suicídio no *Fédon* é clara e firme: ele considera que tirar a própria vida é moralmente errado, exceto em casos onde a ação seja ordenada pelos deuses. Essa concepção, ainda que contraditória à primeira vista já que o próprio Sócrates

vê a morte como libertação —, baseia-se em fundamentos éticos, religiosos e filosóficos que revelam uma visão profunda do papel do ser humano no cosmos.

Logo no início do diálogo, após afirmar que o verdadeiro filósofo deve desejar a morte, Sócrates é questionado por seus discípulos: se a morte é algo tão bom, por que não podemos provocá-la por conta própria? A essa pergunta, ele responde com um princípio fundamental: os seres humanos pertencem aos deuses, e não têm o direito de dispor de suas próprias vidas como bem entenderem. Assim como um servo não pode abandonar seu posto sem a permissão do seu senhor, o homem não pode tirar a própria vida sem que isso lhe seja permitido pela divindade.

Esse raciocínio pressupõe uma concepção teológica em que a vida humana é parte de uma ordem maior, divina e racional. O suicídio, nesse contexto, é uma ruptura dessa ordem, um ato de rebeldia contra a autoridade dos deuses e contra o papel que nos foi atribuído na existência. Viver é cumprir um dever, mesmo que árduo ou doloroso, até que se receba um chamado legítimo para partir.

Além disso, Sócrates argumenta que a vida tem um valor pedagógico e purificador. O corpo é uma prisão da alma, mas é também o lugar onde ela pode ser provada, exercitar a virtude e alcançar o conhecimento. A fuga antecipada desse processo pode comprometer o desenvolvimento da alma e o seu destino após a morte. Portanto, o suicídio não apenas é uma violação da ordem divina, mas também um erro no caminho da filosofia.

No *Fédon*, Sócrates utiliza ainda exemplos mitológicos e simbólicos para reforçar essa visão. Ele menciona a necessidade de viver com moderação, coragem e sabedoria, pois esses são os instrumentos com os quais a alma se liberta verdadeiramente do corpo. A morte física sem essas virtudes não garante a libertação, podendo até mesmo aprisionar a alma em ciclos de reencarnação e sofrimento.

A crítica ao suicídio, portanto, está intimamente relacionada à ética socrática, à sua concepção de alma e à teleologia do viver. O homem, como ser racional, deve buscar compreender e aceitar sua condição no mundo, enfrentando a dor e a injustiça sem se evadir do caminho traçado pela natureza e pelos deuses. Esse posicionamento não é dogmático. Sócrates admite que há exceções, como quando o suicídio é ordenado pela divindade, como no caso de sua própria condenação. Ele vê sua morte não como uma desistência, mas como um cumprimento do destino, um ato de obediência à justiça, mesmo que humana, que se torna sagrada por estar integrada ao logos universal.

Assim, no *Fédon*, o suicídio é rechaçado não por medo da morte, mas por respeito à vida enquanto missão espiritual e ética. Sócrates nos ensina que viver é uma tarefa filosófica e

que morrer bem exige não apenas coragem, mas sabedoria e aceitação.

Ainda que estivesse diante da própria morte, Sócrates recusa firmemente a ideia de que o indivíduo possa decidir por sua própria conta pôr fim à vida. Essa posição, à primeira vista paradoxal, adquire clareza à luz de sua crença na imortalidade da alma e no papel pedagógico da filosofia na preparação para a morte. Segundo Sócrates, o ser humano não é dono de si mesmo, mas sim propriedade dos deuses. A vida, portanto, é um dom divino, e somente os deuses possuem autoridade para determinar seu fim. O suicídio seria, nesse sentido, uma transgressão à ordem divina, uma rebelião contra a autoridade dos deuses e a função espiritual que cada alma deve cumprir no mundo sensível. A comparação que Sócrates faz entre o homem e os servos dos deuses evidencia sua crença de que devemos permanecer vivos enquanto formos úteis ao propósito divino.

Outro ponto fundamental é que a filosofia - enquanto caminho de purificação da alma - exige um processo gradual, que não pode ser interrompido arbitrariamente. A morte voluntária não permite que o filósofo alcance plenamente o estado de elevação necessário para o reencontro com o mundo das ideias. O suicídio, por romper esse processo de elevação consciente, enfraquece a alma e compromete sua trajetória espiritual.

Sócrates também distingue a morte natural da morte imposta pelo próprio indivíduo. Embora aceite sua condenação com serenidade, ele o faz não por desejar morrer, mas por compreender que resistir à lei e às decisões da cidade também seria uma forma de injustiça. Sua atitude, nesse caso, é de aceitação da ordem maior e não de renúncia à vida por desespero ou sofrimento.

O pensamento socrático, portanto, rejeita o suicídio por considerar que a vida humana possui um valor transcendente e pedagógico. A alma, ao habitar o corpo, está em constante processo de aprendizado, e esse processo deve se completar no tempo estabelecido pelos deuses. Romper com esse ciclo é violar o contrato espiritual que nos foi concedido.

Essa visão se contrapõe às concepções contemporâneas que muitas vezes enxergam o suicídio como expressão de liberdade individual. Para Sócrates, a verdadeira liberdade está em viver de acordo com a razão, a virtude e a harmonia com o cosmos. A escolha de morrer antes do tempo não é sinal de liberdade, mas de ignorância quanto ao papel da alma e à natureza do destino humano.

Portanto, para Sócrates, o suicídio é moralmente errado não por um julgamento punitivo, mas por ser uma decisão que impede o florescimento da alma e a conclusão de sua jornada de purificação. A morte deve ser acolhida como parte natural da existência, mas jamais apressada por iniciativa própria. A ética socrática é, assim, uma ética do cuidado com a

alma, da paciência diante do sofrimento e da fidelidade ao logos - à razão universal que governa o ser.

No *Fédon*, Platão propõe, assim, uma profunda reflexão sobre a alma, a morte e o sentido da existência. O suicídio é abordado por Sócrates com clareza filosófica e rigor moral. Ao ser questionado sobre a possibilidade de o filósofo desejar a morte para alcançar a libertação da alma, Sócrates responde de maneira cuidadosa, distinguindo a busca pela morte como um ideal filosófico da prática do suicídio como violação de princípios divinos.

Segundo Sócrates, os seres humanos pertencem aos deuses, assim como os servos pertencem aos seus senhores. Nesse sentido, a vida não é propriedade do indivíduo, e o ato de tirar a própria vida seria uma transgressão contra os deuses que nos governam. Essa perspectiva se revela em sua fala: “Não é permitido a ninguém tirar a própria vida, a não ser que Deus imponha essa necessidade, como agora me impôs” (*Fédon*, 62c). Aqui, Sócrates sugere que o suicídio é ilegítimo, exceto quando autorizado por uma ordem superior, como no caso de sua condenação legal.

Apesar de sua oposição ao suicídio, Sócrates não teme a morte. Ele acredita que a morte é um momento de separação entre o corpo e a alma, e que essa separação é desejável para o filósofo, pois liberta a alma das impurezas sensoriais e das paixões corporais. O filósofo, ao longo da vida, prepara-se justamente para esse momento de transição, buscando a purificação e a contemplação do verdadeiro saber. No entanto, essa preparação não justifica o ato voluntário de tirar a própria vida, pois seria um gesto de impaciência ou desespero, incompatível com a razão filosófica.

A distinção feita por Sócrates entre desejar a morte e cometer suicídio é essencial. Ele defende que o filósofo pode desejar a morte como um fim natural da existência terrena, mas não pode antecipá-la por vontade própria. Essa visão reflete uma ética fundada na aceitação do destino e na obediência à ordem cósmica, além de reafirmar a crença na imortalidade da alma — tema que perpassa todo o diálogo. A própria serenidade com que Sócrates enfrenta sua sentença de morte é apresentada como exemplo de coerência entre pensamento e ação, ilustrando sua fidelidade aos princípios filosóficos.

Portanto, a abordagem socrática do suicídio no *Fédon* articula elementos religiosos, éticos e metafísicos. A vida humana, para Sócrates, tem um valor intrínseco que não pode ser descartado por vontade individual, pois está subordinada a uma ordem maior. O suicídio, nesse contexto, é considerado uma infração à harmonia do universo e à função que cada ser possui dentro dele. Essa posição, ao mesmo tempo que valoriza a alma e a razão, impõe limites éticos ao agir humano diante da morte.

A concepção socrática da morte está intimamente vinculada à sua visão dualista do ser humano: corpo e alma. No diálogo *Fédon*, a alma é apresentada como essência imortal e racional, enquanto o corpo representa o mundo sensível, transitório e enganoso. Para Sócrates, o verdadeiro filósofo é aquele que, ao longo da vida, busca se distanciar das distrações corporais e das paixões mundanas, voltando-se à purificação da alma e à contemplação do mundo inteligível.

Ao afirmar que a morte é “a separação da alma em si mesma, tanto quanto possível, do corpo” (*Fédon*, 67d), Sócrates não só remove o temor da morte, como também a posiciona como o momento culminante da vida filosófica. A morte, longe de ser um castigo, passa a ser concebida como uma libertação necessária para a alma alcançar sua plenitude. Nesse sentido, a filosofia é descrita como um exercício constante de preparação para morrer, pois apenas na morte a alma pode existir em sua forma mais pura, livre das limitações sensoriais.

A crença na imortalidade da alma é o alicerce dessa visão. Sócrates defende que a alma já existia antes do corpo e que continuará a existir após a morte, ingressando num ciclo de reencarnações até alcançar um estado de purificação final. A vida terrena, portanto, é apenas uma etapa no caminho da alma rumo ao bem supremo. A morte voluntária, como visto anteriormente, não é o meio legítimo para atingir essa libertação, pois fere a ordem estabelecida pelos deuses. A verdadeira libertação só ocorre quando a morte é aceita com resignação e sabedoria, como parte do destino humano.

Esse entendimento confere ao ato de Sócrates - ao aceitar serenamente a morte pela ingestão da cicuta - uma dimensão filosófica e espiritual. Ele não morre por desespero ou revolta, mas por fidelidade aos princípios da razão e da justiça. Sua atitude é a de alguém que cumpriu seu papel no mundo e que agora retorna ao reino das ideias, onde encontrará a verdade em sua forma pura. Assim, sua morte torna-se um testemunho da força da filosofia e da convicção na imortalidade da alma.

2.5 A preparação filosófica para a morte

A preparação para a morte, segundo Sócrates no diálogo *Fédon*, é a principal tarefa do verdadeiro filósofo. Ao contrário da maioria das pessoas, que teme a morte por considerá-la o fim da existência, o filósofo a encara como uma libertação da alma, um retorno ao mundo inteligível, onde habita a verdade. Preparar-se para morrer, portanto, é purificar a alma, desapegando-se do corpo e dos prazeres sensíveis que a afastam da razão.

Sócrates afirma que a filosofia é um exercício constante de morte. Isso não significa que

ela estimule o desespero ou a negação da vida, mas sim que ensina o indivíduo a viver de forma desapegada, buscando o conhecimento e a virtude como metas supremas. Tal preparação envolve a prática da moderação, da justiça, da coragem e da sabedoria, virtudes que refinam a alma e a tornam apta a separar-se do corpo sem temor ou apego.

No *Fédon*, a morte é vista como a separação definitiva entre corpo e alma. Enquanto o corpo está ligado às paixões, às ilusões dos sentidos e ao mundo físico, a alma aspira à contemplação das ideias puras, como a beleza e a verdade. O filósofo, ao cultivar o pensamento e a razão, antecipa em vida esse processo de separação, tornando-se cada vez menos dependente das sensações corporais.

Essa preparação não ocorre de forma passiva. Sócrates enfatiza que a alma deve resistir às tentações mundanas e evitar os vícios que a prendem ao corpo. Viver filosoficamente é um exercício de purificação, no qual a alma vai se libertando das amarras do desejo, do medo e da ignorância. Assim, ao chegar a hora da morte, o filósofo não teme, pois está pronto para atravessar o limiar entre o mundo sensível e o inteligível.

A serenidade de Sócrates diante da morte é o exemplo maior dessa preparação. Em seus últimos momentos, ele discute a imortalidade da alma com serenidade e confiança, não como alguém que se resigna, mas como quem cumpriu plenamente sua missão filosófica. Para ele, a morte não é um castigo, mas uma passagem, uma etapa necessária para alcançar o conhecimento verdadeiro.

A preparação filosófica para a morte, conforme descrita no *Fédon*, transforma toda a existência em um caminho ético e racional. A vida deixa de ser apenas uma sucessão de eventos materiais e passa a ser compreendida como um processo de elevação espiritual. O suicídio, nesse contexto, surge como uma interrupção desse processo, um ato que nega a pedagogia da vida e o tempo necessário para o aperfeiçoamento da alma.

Dessa forma, a filosofia socrática propõe uma nova maneira de encarar a morte, não como um fim temido, mas como uma realidade esperada com dignidade e lucidez. Viver bem é, para Sócrates, morrer bem - e isso só é possível quando se vive de maneira filosófica.

A visão de Sócrates sobre o suicídio, tal como expressa no diálogo *Fédon*, é complexa e fundamentada em uma profunda concepção filosófica, metafísica e ética da existência humana. Ainda que estivesse diante da própria morte, Sócrates recusa firmemente a ideia de que o indivíduo possa decidir por sua própria conta pôr fim à vida. Essa posição, à primeira vista paradoxal, adquire clareza à luz de sua crença na imortalidade da alma e no papel pedagógico da filosofia na preparação para a morte.

Segundo Sócrates, o ser humano não é dono de si mesmo, mas sim propriedade dos

deuses. A vida, portanto, é um dom divino, e somente os deuses possuem autoridade para determinar seu fim. O suicídio seria, nesse sentido, uma transgressão à ordem divina, uma rebelião contra a autoridade dos deuses e a função espiritual que cada alma deve cumprir no mundo sensível. A comparação que Sócrates faz entre o homem e os servos dos deuses evidencia sua crença de que devemos permanecer vivos enquanto formos úteis ao propósito divino.

Outro ponto fundamental é que a filosofia - enquanto caminho de purificação da alma - exige um processo gradual, que não pode ser interrompido arbitrariamente. A morte voluntária não permite que o filósofo alcance plenamente o estado de elevação necessário para o reencontro com o mundo das ideias. O suicídio, por romper esse processo de elevação consciente, enfraquece a alma e compromete sua trajetória espiritual.

Sócrates também distingue a morte natural da morte imposta pelo próprio indivíduo. Embora aceite sua condenação com serenidade, ele o faz não por desejar morrer, mas por compreender que resistir à lei e às decisões da cidade também seria uma forma de injustiça. Sua atitude, nesse caso, é de aceitação da ordem maior e não de renúncia à vida por desespero ou sofrimento.

O pensamento socrático, portanto, rejeita o suicídio por considerar que a vida humana possui um valor transcendente e pedagógico. A alma, ao habitar o corpo, está em constante processo de aprendizado, e esse processo deve se completar no tempo estabelecido pelos deuses. Romper com esse ciclo é violar o contrato espiritual que nos foi concedido.

Essa visão se contrapõe às concepções modernas que muitas vezes enxergam o suicídio como expressão de liberdade individual. Para Sócrates, a verdadeira liberdade está em viver de acordo com a razão, a virtude e a harmonia com o cosmos. A escolha de morrer antes do tempo não é sinal de liberdade, mas de ignorância quanto ao papel da alma e à natureza do destino humano.

Portanto, para Sócrates, o suicídio é moralmente errado não por um julgamento punitivo, mas por ser uma decisão que impede o florescimento da alma e a conclusão de sua jornada de purificação. A morte deve ser acolhida como parte natural da existência, mas jamais apressada por iniciativa própria. A ética socrática é, assim, uma ética do cuidado com a alma, da paciência diante do sofrimento e da fidelidade ao logos - à razão universal que governa o ser.

2.6 O argumento da prisão (*phrourá*) e a proibição do suicídio

Christopher Shields analisa o famoso argumento socrático de que a vida humana é uma espécie de vigia ou posto de guarda divino (*phrourá*). O suicídio é proibido porque ele representa um abandono dessa posição sem a autorização dos deuses, a quem pertencemos.

Shields, em sua análise, argumenta que o "posto de guarda" ou "prisão" (*phrourá*) não é necessariamente um lugar ruim, mas um estado de ser que a alma deve suportar. O suicídio seria uma fuga covarde, uma traição à sua responsabilidade. Para Sócrates, a vida é uma missão concedida pelos deuses, e a alma, enquanto serva, não deve abandoná-la sem permissão.

O argumento do suicídio está intimamente ligado à imortalidade da alma e à ideia de que os deuses são bons. Se a alma é imortal, a morte não é o fim da existência, mas uma transição. Sendo assim, o ato de tirar a própria vida não é a libertação definitiva, pois a alma continua a existir e pode sofrer consequências por ter violado a ordem divina.

A aceitação da morte por Sócrates, portanto, é a prova final de sua fé filosófica: ele confia que os deuses, que são seus "donos", o levarão a um lugar melhor após a morte, de acordo com o plano deles, e não com sua própria vontade.

Dizem, a saber, que vivemos, por assim dizer, numa espécie de posto de guarda, e que de lá não devemos sair por nós mesmos, nem nos evadirmos. Isso me parece um grande mistério e não o entendo perfeitamente, mas pelo menos me parece ser o que se diz. (PLATÃO, 2010, p. 62).

2.7 A filosofia como ascese e purificação (*kátharsis*)

O filósofo, segundo Sócrates, deve se purificar dos prazeres e desejos do corpo para que a alma possa se aproximar das verdades eternas. Essa purificação (*kátharsis*) é o que o prepara para a morte.

A purificação (*kátharsis*) é um dos pilares da filosofia socrática apresentada no *Fédon*. Para Sócrates, o corpo é visto como um obstáculo, uma "cadeia" que impede a alma de alcançar o conhecimento verdadeiro. Ele argumenta que os sentidos — visão, audição, paladar — são enganosos e nos afastam da realidade das Formas.

O filósofo, então, deve viver uma vida de desapego. Isso significa não valorizar os prazeres do corpo, como comer e beber em excesso, mas focar nas virtudes da alma: sabedoria, justiça e coragem. A morte, nesse sentido, não é um evento temível, mas a libertação definitiva que a alma busca durante toda a vida.

Segundo Platão:

A alma do filósofo despreza o corpo e se afasta dele, buscando recolher-se em si mesma, para que possa contemplar o ser em si, purificada das impurezas do corpo e de suas ilusões. (PLATÃO, 2010, p. 65)

Shields reforça que essa prática ascética é a justificativa final de Sócrates para não temer a morte. O filósofo já está "morto" para o mundo físico, então a morte do corpo não é uma mudança tão radical para ele.

2.8 O papel da alma na moralidade

A moralidade grega, especialmente em Platão, está profundamente ligada à condição da alma. Uma vida virtuosa significa purificar a alma e colocá-la em harmonia.

Para a filosofia grega, a alma não é apenas o princípio da vida, mas o centro da identidade moral do ser humano. Platão, em especial, desenvolve a ideia de que a alma é a parte imortal e divina do homem, e que sua saúde e sua ordem interna são o que definem uma vida ética. Uma vida virtuosa, portanto, não é apenas um conjunto de boas ações, mas um estado de harmonia e equilíbrio da alma. A *areté*, ou virtude, é o estado de excelência que permite à alma cumprir sua função. Teresa de Pinho Santos argumenta que, para os gregos, a virtude não era um conceito abstrato, mas uma habilidade que poderia ser cultivada.

Outro ponto importante é sobre a harmonia da alma e a justiça interior, sendo que Platão, em sua obra, compara a alma com a cidade. Para ele, uma alma justa é aquela em que todas as suas partes (razão, vontade e apetites) estão em harmonia, com a razão no controle.

2.9 A natureza da alma em Platão

Na filosofia platônica, a alma é o princípio da vida, da moralidade e do conhecimento. Para Sócrates e Platão, a alma é imortal e superior ao corpo. O corpo é visto como uma prisão ou um obstáculo que impede a alma de alcançar sua verdadeira essência e de contemplar a Verdade. A autora Sheila Paulino e Silva (2009) argumenta que toda a ética e a prática filosófica socráticas são, na verdade, um esforço para libertar a alma de suas amarras corporais. A princípio ela fala sobre a alma como princípio divino e imortal. Este trecho aborda a visão de que a alma é de uma natureza distinta e superior à do corpo, justificando o porquê de ela ser a parte mais valiosa do ser humano.

Outro ponto importante também citado por Silva (2009) é sobre o corpo como impedimento

da alma. Este é um dos pontos mais importantes do *Fédon*, e a autora o explica de forma clara, mostrando que o corpo é uma barreira para a alma.

Não menos relevante também é importante falar sobre a filosofia como cuidado da alma. A autora conclui que a morte de Sócrates é a culminação de uma vida dedicada a esse cuidado com a alma. A aceitação da morte é a prova final de sua crença na imortalidade e superioridade da alma.

3. O FÉDON E SUA ATUALIDADE

A visão de Sócrates sobre o suicídio, conforme apresentada no *Fédon*, continua a ecoar em muitos debates contemporâneos sobre ética, saúde mental e espiritualidade. Em um mundo onde o suicídio é, infelizmente, um fenômeno crescente, compreender os fundamentos filosóficos que sustentam sua rejeição no pensamento socrático pode oferecer perspectivas enriquecedoras e humanizadoras.

Sócrates não condena o suicídio por um impulso moralista ou religioso dogmático. Sua crítica está ancorada em uma concepção ontológica do ser humano como alma em jornada. A vida é uma oportunidade de crescimento, aprendizado e purificação, e o suicídio, ao interromper esse processo, não resolve o sofrimento, mas o transfere para uma nova forma de existência, possivelmente ainda mais desafiadora. Essa visão pode dialogar com concepções modernas de espiritualidade e terapias holísticas, que também reconhecem o valor da vida como uma experiência de evolução interior.

Na contemporaneidade, o suicídio é frequentemente abordado sob a ótica da saúde mental, sendo associado à depressão, transtornos psicológicos, exclusão social e sofrimento psíquico intenso. A filosofia socrática não nega o sofrimento, mas propõe enfrentá-lo com racionalidade e virtude. Em vez de fugir da dor, o filósofo busca compreendê-la, superá-la e crescer com ela. Essa proposta pode oferecer inspiração para abordagens psicoterapêuticas que integrem sentido de vida, reflexão existencial e desenvolvimento da resiliência.

Além disso, o pensamento socrático nos convida a repensar a responsabilidade coletiva diante do sofrimento humano. Sócrates foi condenado à morte por uma sociedade que não compreendeu sua missão. Quantas pessoas hoje não são levadas ao suicídio por contextos de injustiça, exclusão, desamparo e abandono? A crítica de Sócrates à ignorância e à falta de virtude na vida pública é, portanto, profundamente atual, chamando-nos a criar ambientes mais éticos, acolhedores e propícios ao florescimento humano.

Por fim, a recusa do suicídio em Sócrates está profundamente ligada à ideia de que o ser humano é parte de uma ordem superior, regida pelo logos, pela razão universal. Interromper a vida sem ter completado sua missão é desrespeitar essa ordem. Essa noção pode ser reinterpretada, em contextos laicos ou religiosos, como o dever de buscar sentido, propósito e contribuição durante a existência.

Portanto, a leitura do *Fédon* e sua visão do suicídio oferece não apenas uma reflexão histórica ou filosófica, mas um convite à construção de uma ética do cuidado, do

autoconhecimento e da valorização da vida. Em tempos marcados por crises de sentido, ansiedade e solidão, retornar a Sócrates é, também, reencontrar a possibilidade de uma vida plena e significativa.

Ao refletirmos sobre a visão socrática do suicídio no *Fédon* à luz do contexto contemporâneo, torna-se evidente a atualidade das ideias de Sócrates no que tange à ética da vida, ao papel da razão e ao cuidado com a alma. Embora vivamos em uma sociedade marcada por avanços científicos e liberdade de expressão, o sofrimento humano, as crises existenciais e os dilemas morais continuam presentes, tornando os ensinamentos filosóficos de Sócrates profundamente pertinentes.

A recusa ao suicídio defendida por Sócrates se fundamenta em uma visão espiritualizada da vida, na qual a existência possui um propósito que transcende a materialidade. Nos tempos atuais, marcados pelo hedonismo, pela busca incessante por prazer e pelo esvaziamento de sentido, o pensamento socrático oferece uma alternativa baseada na reflexão interior, na virtude e no compromisso com valores duradouros. A proposta de que a vida é uma missão dada pelos deuses — ou, em termos modernos, um chamado à autorrealização — convida o indivíduo contemporâneo a repensar sua relação com o sofrimento, a morte e a liberdade.

É importante destacar que, para Sócrates, a liberdade verdadeira não está na capacidade de escolher a própria morte, mas na libertação da alma por meio da razão e da ética. Essa perspectiva contrasta com certas abordagens atuais que defendem o suicídio como um direito individual absoluto. O pensamento socrático propõe uma liberdade responsável, orientada pelo logos e pela harmonia cósmica, o que leva a uma visão mais holística e espiritualizada da existência.

Além disso, a concepção socrática de que a alma precisa estar preparada para deixar o corpo nos leva a questionar como, na atualidade, lidamos com a finitude. A medicina moderna, apesar de seus inúmeros avanços, muitas vezes negligencia o aspecto espiritual e filosófico da morte. O legado de Sócrates nos lembra da importância de viver conscientemente, com propósito e virtude, preparando-nos não apenas para prolongar a vida, mas para vivê-la com dignidade e sabedoria.

Do ponto de vista educacional, o *Fédon* e os ensinamentos de Sócrates revelam o papel da filosofia como instrumento de formação integral do ser humano. Em um tempo em que o conhecimento é muitas vezes fragmentado e utilitarista, a filosofia socrática propõe um retorno ao essencial: a busca do bem, da verdade e da justiça. Essa formação filosófica é, por

si só, um antídoto ao desespero e à alienação que muitas vezes levam ao suicídio.

Por fim, é possível pensar que a recusa socrática ao suicídio também pode ser lida como uma defesa radical da vida, não no sentido de evitar o sofrimento a todo custo, mas de compreendê-lo, acolhê-lo e transcendê-lo com lucidez. Ao aceitar sua morte com serenidade e convicção, Sócrates deixa um legado de coragem filosófica e de amor à sabedoria - uma mensagem que ainda pode iluminar os caminhos de quem enfrenta a dor e o vazio existencial nos dias de hoje.

Portanto, ao recuperar a visão de Sócrates no *Fédon*, este trabalho não apenas relembra um capítulo da história da filosofia, mas também oferece uma possibilidade interpretativa para os dilemas contemporâneos sobre a vida, a morte e o sentido da existência. O suicídio, longe de ser um ato isolado, deve ser compreendido à luz de uma visão mais ampla do ser humano, da alma e do destino que transcende o tempo e a cultura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir sobre a questão do suicídio a partir da perspectiva socrática apresentada no diálogo *Fédon*, de Platão. Ao longo da análise, foi possível compreender que, para Sócrates, a vida não é um bem absoluto, mas uma etapa necessária no processo de aperfeiçoamento da alma. O suicídio, nesse contexto, não é uma solução legítima para o sofrimento, pois interrompe a jornada filosófica e espiritual que cada ser humano deve cumprir.

Sócrates propõe uma ética pautada na razão, na virtude e na aceitação do destino. Sua recusa em cometer suicídio, mesmo diante da injustiça de sua condenação, revela a profundidade de seu compromisso com os princípios filosóficos que defende. Para ele, a alma pertence aos deuses, e cabe ao ser humano viver com sabedoria até que lhe seja permitido partir. A morte, longe de ser temida, é acolhida como uma libertação, desde que venha no tempo certo e após uma vida de busca pelo bem.

Em um mundo marcado por crises existenciais, instabilidade emocional e perda de sentido, a mensagem de Sócrates se mantém atual e necessária. Ao ensinar que a filosofia é uma preparação para a morte, ele nos convida a viver de forma mais consciente, lúcida e conectada com o propósito da existência. Suas palavras continuam a ecoar como um chamado à valorização da vida, ao autoconhecimento e à responsabilidade com o próprio destino.

Diante disso, pode-se concluir que a filosofia socrática não oferece respostas fáceis, mas propõe caminhos de sabedoria. Seu ensinamento sobre o suicídio não é uma condenação moral, mas uma expressão de uma visão profunda da alma e do sentido da vida. Em tempos de angústia e sofrimento, retornar ao pensamento de Sócrates pode ser uma forma de reencontrar esperança, clareza e coragem para continuar vivendo com dignidade.

Ao longo de nossa análise, foi possível compreender que a rejeição ao suicídio por parte de Sócrates está enraizada em uma visão ontológica e ética da alma humana como pertencente ao divino, dotada de imortalidade e sujeita a um ciclo de purificação que não deve ser interrompido por iniciativa própria. Sócrates propõe que a vida possui um propósito transcendente, e que o papel da filosofia é justamente preparar a alma para sua libertação final. A filosofia, nesse contexto, não é um exercício meramente intelectual, mas uma prática existencial que visa a purificação da alma, o cultivo das virtudes e o distanciamento das paixões e do corpo. A morte, por sua vez, é vista como uma transição

natural e necessária, desde que ocorra no momento determinado pelos deuses.

Ao recusar o suicídio e aceitar sua sentença com serenidade, Sócrates nos ensina que a verdadeira liberdade está na submissão consciente à ordem universal, e que o valor da vida está no seu papel como instrumento de elevação espiritual. Essa lição continua relevante nos dias de hoje, especialmente diante de uma cultura que frequentemente banaliza a vida e exalta o prazer imediato em detrimento da reflexão e da virtude.

A visão socrática convida o ser humano moderno a reconsiderar o sentido da existência, não como uma experiência puramente material e autônoma, mas como uma jornada com significado mais profundo. O suicídio, nessa perspectiva, não é uma solução, mas uma fuga da missão que nos foi confiada. É preciso viver com coragem, consciência e sabedoria, acolhendo o sofrimento como parte do processo de crescimento da alma.

Assim, este trabalho conclui que os ensinamentos de Sócrates, transmitidos por Platão no *Fédon*, ainda oferecem um caminho filosófico válido para refletir sobre temas existenciais, éticos e espirituais. A crítica ao suicídio se insere em uma visão maior da vida e da morte como partes de uma única realidade espiritual, e a filosofia se afirma como guia para uma vida digna, lúcida e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SILVA, Sheila Paulino. **O Filósofo e a Morte: Um Estudo Sobre a Phronesis no Fédon de Platão**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.